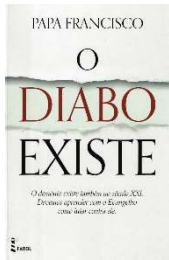


## AS TREVAS DA MENTIRA E A MUNDANIDADE ESPIRITUAL (pp. 87-89)



Jesus chama ao Espírito Santo «Espírito de Verdade»; a sua presença no nosso coração dissipa as trevas da mentira e a névoa da pseudoverdade, verdade a meio caminho, expressões de satisfação, expressões de compromisso com o mundo, que «o mundo não pode receber [o Espírito Santo] porque não o vê nem o conhece» (Jo, 14, 17);

expressões geradas no espírito da mundanidade espiritual, «o maior perigo para a Igreja - para nós, que somos Igreja -, a tentação mais perversa, aquela que renasce sempre, insidiosamente, quando todas as outras são vencidas, alimentada mesmo por estas vitórias.

[ ... ] Se esta mundanidade espiritual tivesse de invadir a Igreja e de trabalhar para a corromper atacando o seu próprio princípio, seria infinitamente mais desastrosa do que qualquer mundanidade simplesmente moral. Pior ainda do que a lepra que, em certos momentos da História, desfigurou tão cruelmente a esposa diletta, quando a religião parecia introduzir o escândalo no próprio santuário» (Henri de Lubac, Meditação sobre a Igreja, pp. 446-447)

«Uma atitude radicalmente antropocêntrica; eis a mundanidade do espírito. [...] Um humanismo subtil, adversário de Deus vivo e, secretamente, não menos inimigo do Homem, pode insinuar-se em nós através de mil vias tortuosas» (ibid.).

Quando um sacerdote compactua com esta atitude, deixa de ser pastor de povo e transforma-se em clérigo de Estado, funcionário.

O Espírito Santo põe-nos mais além e resgata-nos deste espírito do mundo, do espírito daquele «mundo» de que é mais perigoso sermos amigos do que inimigos. Liberta-nos da armadilha e tende a mundanizar o nosso ministério. Ele, a partir do nosso interior, guia-nos e impele-nos em duas direções diferentes: uma, para dentro, introduz-nos efetivamente no mistério, e a outra, para fora, dá-nos a força do testemunho.

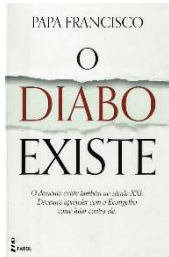
Deus, que criou o Universo e subordinou aos homens as coisas terrestres e ordenou os elementos do céu para o crescimento dos frutos e a aproximação das estações, e que estabeleceu sobre eles uma lei divina - e é claro que fez tudo isto pelos homens -, confiou o cuidado dos homens e de tudo o que se encontra abaixo dos céus aos anjos que para esse fim estabeleceu. Mas os anjos, transgredindo esta ordem, entregaram-se ao acasalamento com mulheres e geraram filhos, que são os chamados demónios.

Além disso, a partir de então atormentaram o género humano, ora com escritas mágicas, ora com terrores e suplícios infligidos, ora com a instituição de sacrifícios e de perfumes e de libações, de que precisam depois de terem cedido às paixões dos sentidos. E entre os homens espalharam homicídios, guerras, adultérios,

impunidades e todo o tipo de males. (pp. 87-89)

SÃO JUSTINO, MÁRTIR, APOLOGIA SEGUNDA, V, 2-4

## NUNCA DIALOGAR COM O DIABO



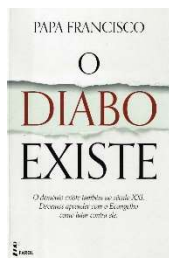
Temos inimigos terríveis e cheios de recursos, os demónios maléficos; contra eles é a nossa luta ... Poderíamos falar muito tempo da sua natureza e da sua adversidade, mas tal discurso dirige-se a outros maiores do que nós. Aquilo que é agora necessário e indispensável é apenas conhecer os expedientes que utilizam contra nós.

Se os demónios, portanto, veem que todos os cristãos, e os monges em particular, apreciam as dificuldades da ascese e evoluem, a primeira coisa que fazem é atormentarem-nos e tentarem-nos, pondo obstáculos ao longo do seu caminho; os obstáculos são os pensamentos impuros. Mas nós não devemos recear os seus embustes: as orações, os jejuns e a fé no Senhor fazem-nos cair imediatamente. No entanto, mesmo depois de terem caído não se acalmam, mas regressam de novo ao assalto com estratégias e logros.

Se, de facto, não conseguiram enganar o coração, seduzindo-o com prazeres manifestos e impuros, regressam ao assalto de outros modos, e depois tentam assustar-nos criando imagens e assumindo outras formas e imitando mulheres, feras, répteis, corpos gigantescos e exércitos de inimigos. Mas também não devemos recear estas visões porque são inconsistentes, desaparecem logo, especialmente se nos fortalecemos com a fé e com o sinal da cruz [ ... ] Mas nós, crentes, não devemos recear as aparições do diabo, nem escutar as suas palavras, porque ele mente e nada diz de verdadeiro. [ ... ] Aquilo que se vê quando os demónios aparecem não é luz verdadeira; eles trazem consigo como que um sinal e uma imagem do fogo preparado por eles e tentam assustar os homens com essas chamas com que eles próprios serão queimados. Aparecem realmente, mas logo se dissipam, sem conseguirem fazer mal a alguns crentes, levando consigo uma imagem de fogo destinado a recebê-los. E assim também não devemos receá-los neste caso, porque toadas as suas intrigas se reduzem a nada por obra e graça do Senhor. (Santo Atanásio, Vida de Santo António, 21, 23-24) (pp. 90-93)

## QUEM NÃO ORA A DEUS, ORA AO DIABO

**13 Segundo sinal: a Besta marítima (Dn 7,1-8)** - Depois vi uma Besta que subia do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças; sobre os chifres tinha sete coroas, e sobre as cabeças tinha nomes blasfemos. Vi que a Besta era semelhante a um leopardo; as suas patas eram



semelhantes às do urso e a sua boca era como a do leão. O Dragão deu-lhe a sua própria força, o seu trono e grande poder. Uma das suas cabeças parecia ferida de morte; mas a ferida mortal tinha sido curada.

E, maravilhados, todos os habitantes da terra foram atrás da Besta. E adoraram o Dragão porque tinha dado o seu poder à Besta. E adoraram também a Besta, aclamando: «Quem semelhante à Besta? E quem poderá lutar contra ela?»

E foi-lhe dada uma boca para proferir palavras eloquentes e blasfemas. Deram-lhe também o poder de agir durante quarenta e dois meses. Então, abriu a boca para proferir blasfêmias contra Deus, contra o seu nome, contra a sua morada e contra os que têm morada no céu. Foi-lhe dado, ainda, o poder de fazer guerra contra os santos e de os vencer, assim como o poder sobre todas as tribos, povos, línguas e nações. E adoraram-na todos os habitantes da terra, aqueles cujos nomes não estão escritos, desde o princípio do mundo, no livro da Vida do Cordeiro, que foi imolado.» Quem tem ouvidos, ouça: O que está destinado ao cativo, irá para o cativo; se alguém matar pela espada, pela espada morrerá. Aqui está a constância e a fé dos santos.

**Terceiro sinal: a Besta terrestre** - Vi ainda outra Besta que subia da terra; tinha dois chifres como um cordeiro, mas falava como um dragão. Tinha todo o poder da primeira Besta e exercia-o na sua presença. Obrigava todo o mundo e os seus habitantes a adorar a primeira Besta - a que tinha sido curada da ferida mortal. E realizava maravilhosos prodígios; até mesmo o de fazer descer fogo do céu, à vista dos homens. Com o poder que tinha de realizar prodígios na presença da Besta, enganava os habitantes da terra, incitando-os a fabricar uma estátua da Besta que fora ferida pela espada, mas tinha sobrevivido. Até lhe foi dado o poder de dar vida à estátua da Besta, a ponto de ela falar e dar a morte a quantos não adorassem a estátua da Besta. E a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, marcou-os com um sinal na mão direita ou na frente. E assim, quem não tivesse o sinal, o nome da Besta ou o número do seu nome não podia comprar nem vender.<sup>18</sup> Aqui é preciso sabedoria: o que é inteligente decifre o número da Besta, que é um número de homem; o seu número é seiscentos e sessenta e seis. (Apocalipse 13)

Podemos caminhar o que quisermos, podemos edificar um monte de coisas, mas se não confessarmos Jesus Cristo, está errado. Tornar-nos-emos uma ONG socio-caritativa, mas não a Igreja, esposa do Senhor. Quando não se caminha, ficamos parados. Quando não se edifica sobre as pedras, o que acontece? Acontece o mesmo que às crianças na praia quando fazem castelos de areia: tudo se desmorona, não tem consistência. Quando não se confessa Jesus Cristo, faz-me pensar nesta frase de Léon Bloy: «Quem não reza ao Senhor, reza ao diabo.» Quando não confessa Jesus Cristo, confessa o mundanismo do diabo, o mundanismo do demónio:

Caminhar, edificar-construir, confessar. Mas a realidade não é tão fácil,

porque às vezes, quando se caminha, constrói ou confessa, sentem-se abalos, há movimentos que não são os movimentos próprios do caminho, mas movimentos que nos puxam para trás.

Este Evangelho continua com uma situação especial. O próprio Pedro que confessou a Jesus Cristo com estas palavras: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo: Eu digo-te mais do que cruz não se fala. Isto não vem a propósito. Quando caminhamos sem cruz, edificamos sem a Cruz, o confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor. (pp. 97- 100)